

Uma publicação do Instituto Genildo Batista



Reflexão sobre o papel dos bancos, corporações globais e governos: as vítimas somos nós seres humanos e o planeta!

O **INFORMA-SE** número 18 traz importante reflexão de **Maria de Fátima Pinel*** e **Lujan Maria Bacelar de Miranda**** sobre os bancos, as corporações globais e os governos; os quais, com suas ações, em nome da geração de emprego e do desenvolvimento econômico cometem crimes ambientais, provocam enfermidades, mortalidades, degradação do meio ambiente. Causam sofrimento e dor às comunidades locais, às trabalhadoras e aos trabalhadores, submetidas/submetidos a trabalho precário e à escravização. E impõem enormes prejuízos financeiros ao país, com o saque das nossas riquezas ou com pagamentos insignificantes. Riquezas naturais exploradas de forma abusiva, sem controle, sem fiscalização.

Leia, debata e compartilhe o INFORMA-SE !

BANCOS, CORPORAÇÕES GLOBAIS E GOVERNOS

“O capitalismo transformou-se num sistema universal de subjugação colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do planeta por um punhado de países “avançados””.
Lênin, 1916

A elite exerce seu poder político, financeiro e econômico, através da exploração dos seres humanos e da apropriação desenfreada, destrutiva, perversa da natureza (fauna e flora).

A elite exerce esse poder através de quem?

De grandes corporações e bancos privados, que se locupletam para impor os interesses da elite e subjugar os povos e os países.

Uma breve reflexão sobre como isso ocorre:

A sustentação do planeta Terra resulta da convivência harmoniosa entre os **três pilares criados naturalmente e considerados fundamentais para a vida humana:**

- 1) meio ambiente (incluindo fauna e flora selvagens);
- 2) o ser humano;
- e 3) sociedade.

Esses pilares são a estrutura.

Vida saudável, desenvolvimento econômico e social e trabalho

A vida saudável e o desenvolvimento econômico e social estão intimamente relacionados ao trabalho, que possibilita a evolução equilibrada entre os três pilares citados, tornando-se **importantes suportes para a definição do bem-estar comum.**

Governos e Empresas

Dois componentes **circunstanciais** importantes, **criados artificialmente**, também estão presentes na nossa realidade cotidiana:
Governos e Empresas.

Esses componentes, controlam e administram os bens comuns, o trabalho e a vida de quase toda a população do planeta hoje (exceto grupos étnicos totalmente isolados, não catalogados).

No uso compartilhado dos bens comuns, da natureza, **os agentes que estão próximos e são diretamente afetados pelo uso e acesso aos recursos naturais, devem determinar a sua gestão.**

Mas, o que observa-se é que **governos, grandes empresas globais e bancos, compartilham tempo, espaço, administram e controlam:** o meio ambiente, os seres humanos, a sociedade civil, o trabalho, mídia, infraestrutura, leis, judiciário, mercado, governo local, informação e conhecimento.

Organizações Internacionais e Dívida Pública a serviço do setor privado

Além dos governos, grandes empresas globais e bancos, existem **influentes organismos oficiais bilaterais e multilaterais** (organizações internacionais com dois ou mais países) **administrados por "potências dominantes"** que impõem suas regras aos governos locais, principalmente aos países ricos em biodiversidade.

Regras que beneficiam os países desenvolvidos são impostas através de contratos, acordos bilaterais ou leis multilaterais e internacionais sobre como bens comuns devem ser administrados e utilizados.

Aumento das despesas públicas para favorecer o setor privado

Ocorreram profundas transformações nos países (estados nacionais), que passaram a intervir diretamente na acumulação capitalista, aumentando de forma absurda as despesas públicas e a dívida pública para favorecer grandes empresas e bancos.

E quem paga a conta?

Os governos socializam e impõem a toda a sociedade o peso da valorização exclusiva do setor econômico mais desenvolvido (bancos, mineradoras, agronegócio, dentre outros), aumentando de forma absurda o endividamento crescente dos países.

QUAIS AS CONSEQUENCIAS DISSO?

Geração de emprego e desenvolvimento econômico?
NÃO!

O que se vê são crimes ambientais, saque das riquezas naturais e financeiras, precarização do trabalho e escravização

As consequências são devastadoras, especialmente nos países do denominado terceiro mundo, como o Brasil, com alto grau de biodiversidade.

Em nome da geração de emprego e do desenvolvimento econômico a produção de grandes empresas globais causam impactos negativos extremos, tais como: **crimes ambientais, enfermidades, mortalidades, degradação do meio ambiente, sofrimento e dor à comunidade local, às trabalhadoras e aos trabalhadores submetidos à precariedade do trabalho e à escravização.**

E enormes prejuízos financeiros ao país, com o saque das nossas riquezas, que são exploradas de forma abusiva, sem controle, sem fiscalização, com inúmeras benesses, como doações e empréstimos subsidiados, isenções de impostos e perdão de dívidas. E quando pagam pelo que usam e exploram, pagam valores insignificantes.

Desrespeito, Conivência e Omissão!

Só a luta muda a vida!

Este destrutivo desrespeito ao povo, especialmente aos povos originários, quilombolas, ribeirinhos, negros e pobres, é consequência da **conivência ou omissão dos governos locais, parlamentares e justiça**, que permitem e favorecem a atuação destas corporações e bancos (privados), em nosso território, com total descompromisso com a vida saudável da população brasileira e do meio ambiente.

No momento em que a **barbárie capitalista se espalha pelo mundo**, a miséria e a fome atingem proporções absurdas e o planeta encontra-se ameaçado **é urgente e necessário que se reflita sobre o papel dos bancos e das corporações** (organizações societárias grandes, com responsabilidade limitada).

Essas sociedades são entidades jurídicas distintas, dotadas de certos direitos e responsabilidades coletivas.

Elas foram instituídas pelo **ACT 1862 - Rainha Vitória - "Fato Impressionante"** (**Lei de Companhias de 1862**).

É urgente e necessário que se enfrente o Sistema da Dívida (conjunto de privilégios legais, políticos, econômicos e financeiros que os banqueiros, as mineradoras, o agronegócio e demais setores privilegiados possuem, em detrimento dos povos e países).

Temos consciência do tamanho e da dificuldade da tarefa. Mas, **não há outra alternativa**: é preciso fortalecer a luta histórica contra o sistema capitalista, em defesa da vida e do planeta. É preciso enfrentar as elites e contribuir com a conscientização da população.

E para que não se tenha dúvidas sobre o papel danoso dos bancos e das corporações, colocamos a seguir denúncias feitas por ex-presidentes dos Estados Unidos:

**Andrew Jackson (1767–1845):
"Eu matei o banco"**

"... eleito pelo Partido Democrata (é considerado como um dos seus fundadores), foi presidente dos EUA de 1829 a 1837. Ele poderia ter se tornado presidente mais cedo: nas eleições de 1824 ganhara a maioria dos votos tanto entre os eleitores como nos colégios eleitorais, mas não recebeu uma maioria eleitoral. O presidente foi portanto escolhido pela câmara baixa do parlamento (House of Representatives), a qual optou por John Quincy Adams ao invés de Jackson.

Nas eleições de 1828, a agenda da campanha de Jackson, com o objectivo de libertar a América da opressão dos banqueiros, era clara como cristal.

Naquele tempo, o Second Bank of the United States, o qual era essencialmente um banco central, estava em operação na América. Era um projecto de banqueiros europeus, primariamente os Rothschilds.

Em 1816 o banco conseguiu obter um alvará (charter) pelo prazo de 20 anos do Congresso dos EUA e começou a emprestar moeda ao governo dos EUA, o que levou a uma ascensão rápida da dívida do governo.

O slogan de Jackson nas eleições de 1828 foi: "Sem banco e com Jackson – ou banco e sem Jackson" ("No bank and Jackson – or bank and no Jackson"). Jackson declarou abertamente guerra aos bancos e venceu-a.

Tornou-se presidente dos EUA e iniciou uma campanha para revogar o alvará do Second Bank of the United States.

Em 1831, Nicholas Biddle, o presidente do banco, enviou um projecto de lei ao Congresso para estender o alvará do banco. A lei foi aprovada por ambas as casas do Congresso, mas Andrew Jackson vetou-a e o Congresso foi incapaz de anular o veto. Em 10 de Julho de 1832 Jackson falou acerca dos perigos de um banco central: "Não são apenas os nossos próprios cidadãos que estão a receber a generosidade do nosso governo.

Mais de oito milhões das acções deste banco são mantidas por estrangeiros [...] Não haverá perigo para a nossa liberdade e independência num banco que por sua natureza tem tão pouco compromisso com o nosso país? [...]

Controlar a nossa divisa, receber nossos dinheiros públicos e controlar milhares dos nossos cidadãos sob a sua dependência, isto seria mais formidável e perigoso do que o poder naval e militar do inimigo".

https://resistir.info/financas/katasonov_08mar17.html

Rutherford B. Hayes - 1876

Denunciava durante seu mandato, a distribuição desigual de poder entre os governos, quando advertia: Este governo é das corporações, pelas corporações e para as corporações.

Micklethwait y Wooldridge, (2003, p. 14).

Franklyn Roosevelt – 29/04/1938

“O poder de poucos, para dirigir a vida econômica da nação, deve ser difundido entre muitos, ou ser transferido ao público e ao seu governo democraticamente responsável. Se a atividade econômica deve organizar-se de forma planificada e não por competitividade, este poder não se deve confiar a nenhum grupo privado”.

***Maria de Fátima Pinel**

Graduada em Contabilidade pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Mestra em Auditoria e Responsabilidade Social, Doutora em Auditoria Social pela Universidade de Zaragoza, UNIZAR - Espanha. Atualmente é professora Associada da Universidade Federal Fluminense - UFF.

** **Lujan Maria Bacelar de Miranda,**

Licenciada em Física pela UFPI, especialista em direito constitucional, coordena o Núcleo Capixaba da Auditoria Cidadã da Dívida e dirige o Instituto Genildo Batista - IGB

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Lujan Maria Bacelar de Miranda